Biblioteca Centro de Memória - Unicamp

CMUHE012721

FARJALLAT, Célia Siqueira. Eles vieram de longe. Correio Popular, Campinas, 05 out. 1999.

Eles vieram de longe

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

O tema é a história singela e real de uma família italiana, que deixando as terras banhadas pelo pó, atravessou o Atlântico e veio para o Brasil "fazer a América", segundo o sonho de milhares de europeus, no fim do século 19. Trata-se de um depoimento sensível, registrando os fatos fiéis e comoventes de uma época de formação histórica.

Seu autor, o professor José Sevá, relata que a história do Brasil, como a de todos os países da América, é um fenômeno de imigração. O papel dos italianos nessa formação foi sintetizado pelo sociólogo americano Wilson com estas palavras: "Não se pode acompanhar a história dos povos da Europa Ocidental, na parte que se refere ao descobrimento de terras americanas, sem pensar no curioso destino dos italianos, que forneceram pioneiros a todos os povos, sem conseguir um lugar qualquer para si, em nenhum canto do Novo Mundo".

Dotado de um espírito sensível, o italiano suportou a opressão dos preconceitos, o desafio de trabalhos pesados. Este é o tema central do livro *Eles vieram de longe*, que interessa Campinas de modo particular porque nossa cidade foi o primeiro destino deles.

A viagem longa e penosa foi em navio do Loide e durou um mês. Desembarcaram em Santos, tomaram o comboio para São Paulo, mas acabaram descendo em Campinas. Não todos.

O livro registra a curiosidade dos campineiros ante o cortejo de imigrantes, guiado por um dirigente italiano. A cidade estava às voltas com a febre amarela. E o aspecto sofrido dos imigrantes provocou a piedade e a vontade de ajudar, especialmente às crianças.

O aspecto sofrido dos imigrantes provocou a piedade e a vontade de ajudar

Os viajantes pernoitaram num casarão, na Rua General Carneiro, mais tarde, Rua Lusitana. De madrugada, tomaram a condução, simples carroças, que levaram mulheres idosas, crianças e homens bem vestidos. Os outros seguiram a pé mesmo.

Chegaram a um lugarejo, Atibaia; horas depois, aportaram a outro povoado, Laranjal. Só noite fechada, alcançaram a Fazenda S. Luciano, onde foram morar em pequenas casas, tão simples que o piso era de terra.

No dia seguinte, conheceram os utensílios de trabalho: enxadas, facões e foices. Viram as máquinas de picar cana, de debulhar milho e, em poucos dias, aprenderam a lidar com os cafezais, colhendo os grãos da rubiácea, desnudando as hastes: era a derriça. Depois, juntavam os grãos, colocando-os num cesto de taquara, daí para os sacos de estopa, que eram carregados para a beira dos carreadores e levados em carros de boi ou carroças.

A adaptação dos italianos foi rápida. Nem tiveram os oito dias de descanso prometido. A rotina, duríssima, começava de madrugada, quando tocava o sino da fazenda. Aliás, toda a vida deles era governada pelo tanger do sino. E, quando este tocava fora de hora, era sinal certo de desgraça.

Sevá apontou três colônias em São Luciano. Por coincidência, tinham o mesmo nome das colônias que conheci em outra Fazenda na região de Campinas-Indaiatuba: a Fazenda Bonfim, estação do Descampado, de meus avós maternos. Muitas vezes, estive naquelas colônias, visitando meus amigos, descendentes daqueles vindos de longe.

O autor vai desenrolando as histórias sofridas daquelas vidas: casórios, festas dos santos padroeiros, funerais. Traça o painel com tanta nitidez, que a gente pensa ter presenciado tudo, desde as brincadeiras das crianças às mortes. A amostragem da culinária é atraente em certas ocasiões, com frango à caçarola ou macarrão feito em casa e cortado irregularmente (*mal tagliato*, em florentino).

Enfim, no Brasil, a tarefa do imigrante italiano foi árdua, não apenas pelas dificuldades de ordem natural, mas sobretudo as de ordem moral, devido à alma sensível do povo. Fé, caráter temperado pelas lutas, vontade férrea e arte ajudaram a vencer os tropeços, enfim, a fazer a América.

Célia Siqueira Farjallat é cronista do **Correio Popular**